

ENSINO PROFISSIONAL

ÁREA DE
INTEGRAÇÃO

VOLUME III

ENSINO PROFISSIONAL
NÍVEL 3

José Manuel dos Santos Girão
Rui Alexandre Grácio



Texto Editora

ENSINO PROFISSIONAL

TÍTULO	ÁREA DE INTEGRAÇÃO III — ENSINO PROFISSIONAL NÍVEL 3
AUTOR	JOSÉ MANUEL DOS SANTOS GIRÃO • RUI ALEXANDRE GRÁCIO
EDITOR	TEXTOS EDITORA, LDA.
COORDENAÇÃO	SECTOR DE COORDENAÇÃO TEXTO LUÍSA RODRIGUES
CAPA	SECTOR DE PROJECTOS GRÁFICOS TEXTO ORLANDO GASPAR
ARRANJO GRÁFICO	SECTOR CRIATIVO TEXTO MANUEL AUGUSTO • RPM, IDEIAS E COMUNICAÇÃO, LDA.
FOTOGRAFIA	COORDENAÇÃO DE RPM, IDEIAS E COMUNICAÇÃO, LDA.
FOTOCOMPOSIÇÃO	RPM, IDEIAS E COMUNICAÇÃO, LDA.
FOTOLITO	SECTOR DE FOTOCOMPOSIÇÃO TEXTO
MONTAGEM	SECTOR DE MONTAGEM TEXTO
IMPRESSÃO E ACABAMENTOS	FOTOLITO, LDA.



Texto Editora

LISBOA

Alo da Bela Vista • 2735 CACÉM

☎ 426 10 01

PORTO

Rua da Torrinha, N.º 228-G

4000 PORTO ☎ 996 60 70/1

ENDEREÇO POSTAL

Apartado 237 • 2736 CACÉM CODEX

© 1995, TEXTOS EDITORA, LDA.

Reservados todos os direitos. É proibida a reprodução desta obra por qualquer meio (fotocópia, offser, fotografia, etc.) sem o consentimento escrito da Editora, abrangendo esta proibição o texto, a ilustração e o arranjo gráfico. A violação destas regras será passível de procedimento judicial, de acordo com o estipulado no Código do Direito de Autor e dos Direitos Conexos.

LISBOA, 1995 • 1.ª EDIÇÃO • 1.ª TIRAGEM • 3000 EXEMPLARES

ISBN 972-47-0614-1

DEPÓSITO LEGAL N.º 86960/95

ÍNDICE

Nota dos autores	5
-------------------------	---

A formação da sensibilidade cultural e a transfiguração da experiência: a estética

1. A produção estética como necessidade individual e social	7
2. A intemporalidade das manifestações estéticas e a sua diversidade no tempo e no espaço	9
3. A obra de arte como expressão simultânea de fruição e compromisso com o real	14
4. A flutuação da ideia de "Belo" e a diversidade dos conceitos de arte	16
4.1. Estéticas metafísicas e relativistas	16
5. A necessidade da formação da sensibilidade cultural — construção e destruição do meio envolvente	19
<i>Textos de apoio</i>	21

Os fins e os meios: que ética para os valores da política humana?

1. Moral e Ética	45
2. A liberdade, decisão, responsabilidade	47
3. A razão no seu uso prático: a razoabilidade	48
4. Não faças aos outros...	50
5. Ética e política	52
5.1. Haverá uma comunidade política eticamente desejável?	54
5.2. Direitos humanos	54
5.3. Organizações de solidariedade internacional	56
6. Problemas de ética aplicada	57
<i>Textos de apoio</i>	58

A defesa do património local

1. A diversidade do conceito de património	87
2. A necessidade da preservação do património	88
3. A elaboração de um projecto de defesa do Património Local	91
<i>Textos de apoio</i>	94

A qualidade de vida e a preservação da natureza	107
1. Noção de qualidade de vida	107
2. O papel da Educação Ambiental	108
3. O contacto com Áreas Protegidas	111
3.1. A fase de preparação	111
3.1.1. Um projecto interdisciplinar	111
3.2. A escolha do local a visitar	112
3.2.1. Noção e classificação de Áreas Protegidas	112
3.2.2. As Áreas Protegidas em Portugal	113
3.2.3. A recolha de informação e a elaboração de um programa	115
4. A realização do percurso	115
4.1. Cuidados a ter	115
5. A divulgação das conclusões do percurso	117
5.1. A elaboração de relatórios	117
5.2. Exposições, fotografia, cinema, teatro, etc.	118
<i>Textos de apoio</i>	119
A experiência religiosa como afirmação de um espaço espiritual no mundo	139
1. O lugar da abertura à experiência religiosa: a relação com o transcendente	139
2. O sagrado e o profano	143
3. Posições sobre a existência de Deus	144
4. O sagrado no mundo moderno	146
<i>Textos de apoio</i>	147
Bibliografia, filmografia e outras referências	169



A FORMAÇÃO DA SENSIBILIDADE CULTURAL E A TRANSFIGURAÇÃO DA EXPERIÊNCIA: A ESTÉTICA

1. A produção estética como necessidade individual e social

Sabe-se que os primeiros homens pintaram nas paredes das suas cavernas, animais, caçadas e outras cenas do seu quotidiano. Do mesmo modo, uma criança de 3-4 anos ganha a certa altura interesse pelos seus garatujos, também eles representações dos seres e dos acontecimentos do seu dia-a-dia. Ora não consta que, nem uns nem outros, tenham aprendido qualquer teoria estética... O impulso estético parece pois, brotar espontaneamente, após a cultura, mas antes da aprendizagem de qualquer teoria. A questão coloca-se, assim: que motivações estão na origem da criação artística? Que leva, afinal, o Homem a produzir e a apreciar obras de arte?

Podemos apontar duas ordens de factores: sociais e individuais. Atentemos nos primeiros.

Alguns autores sublinham a relação existente entre a arte e o trabalho. A arte teria surgido como necessidade de atenuação de determinados esforços mais penosos ou de tarefas mecânicas e rotineiras. Basta pensarmos, ainda hoje, nas motivações sociais que estão ligadas a expressões musicais como o Blues e os Espirituais Negros ou em certo folclore nacional, tantas vezes ligado à actividade laboral das populações rurais (camponeses, agricultores, lavadeiras, etc.). Os Espirituais Negros são um

Ver módulo "Pessoa e Cultura"
in *Área de Integração*, vol. I

Factores sociais

Ver texto 1

